

UMA SOLUÇÃO ROMANESCA *

Astenio Cesar Fernandes

Cedo da manhã, indignado, um cliente, aos gritos, adentra o meu consultório expondo a sua verdade. Seduzido por aquela opinião singela, não consegui esquecer-la durante toda a manhã e não a esqueceria durante todo aquele dia.

– Doutor, a corrupção agora campeia exposta em som e vídeo. Estranhando a afirmação, fiquei atento ao homem loquaz. E ele continuou: – Ainda bem que dinheiro fala. Intrigado, eu intervenho: – Mas dinheiro não tem voz, então, como fala? O homem sábio se explica: – Fala através do ruído surdo que escapa da exuberância de riquezas obtidas sem o devido cabimento, ou seja, sem honestidade. Riquezas surripiadas e, portanto, deletérias. Aquelas que, transferidas à prole desavisada, geram o círculo vicioso da corrupção fora do controle, corrompendo-a. É um problema sem solução!

Tudo me fora bem posto. Fico solidário àquela repulsa veemente, mas inócua. Essa justa indignação, acredito, deve ser coletiva. Naquela manhã e durante todo aquele dia, fiquei inquieto. Impotente, eu também passei a refletir como achar a solução para o grave problema. Já à noite, desassossegado, dormi e sonhei. *Fiat Lux!* E a luz se fez. No sonho, surge uma verdadeira ficção científica, uma quimera. Cientistas descobrem tecnologia moderna, singular, capaz de gerar dinheiro falante, verboso, apto a falar em todos os idiomas. Denunciar.

A moeda falante desespera os que a subtraem às escondidas; assusta os corruptos, revela embusteiros. O sentido próprio substitui a figuração do meu indignado cliente. Thomas Morus está redivivo, no meu sonho. Permaneço nesse sonho utópico, delirante. Eis a solução. *Heureka!* Depois disso me fugiu o sonho.

Na manhã seguinte, acordei feliz, sorrindo. Tive vontade de revelar meu sonho ao homem sensato, o meu cliente falador. Mas, agora, nem mesmo sei se ele existiu de fato. Penso que tudo foi apenas uma imaginação, transformada em êxtase.

Revisitei essas reflexões, perscrutei o tempo. Volvi os olhos ao presente, em busca do que restou. Encontro, apenas, a esperança - último alento - prenhe da própria espera. Podo os espinhos e colho as pétalas das flores. Enfim, as janelas estão abertas à história. Agora se pode ecoar o grito da liberdade preso na garganta!